

Ministério do Meio Ambiente  
Secretaria de Coordenação da Amazônia  
Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil - PPG7  
- Subprograma de Política de Recursos Naturais  
- Projeto Negócios Sustentáveis  
Amigos da Terra - Programa Amazônia  
WWF Brasil  
Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro  
Couro Vegetal da Amazônia | Amazonlife

negócios para  
**amazônia**  
sustentável

SOLAR DA IMPERATRIZ  
*Rio de Janeiro*  
2002 . 2003



### arte e cestaria indígena

arte baniwa	18
arte indígena apurinã	20
arte indígena ashaninka	22
agentes agroflorestais indígenas do acre	24
artesanato indígena yakinõ	26
artesanato wajãpi	28
cestaria yanomami	30
publicações indígenas	32
tecelagem kaxinawá	34
vídeos indígenas	36

### artesanato de sementes e fibras vegetais

artesanato de curauá do lago grande	40
artesanato de sementes florestais	42
cestaria de novo airão . projeto fibrarte	44
cestaria de santarém . projeto saúde e alegria	46

### castanha do brasil

castanha do acre	50
óleo de castanha do amapá	52

### ecoturismo

centro de pesquisas canguçu	56
crystalino lodge	58
ecoturismo em mamirauá	60
ecoturismo nas resex do vale do guaporé	62
pousada aldeia dos lagos	64
turismo verde - proecotur	66

### madeira certificada e artefatos

instrumentos musicais e artefatos de madeira oela	70
madeira certificada do assentamento chico mendes	72
madeira certificada cikel	74
madeira do assentamento pedro peixoto	76
madeira, sementes e óleos porto dias	78
móveis artesanais das oficinas caboclas	80
móveis certificados aver amazônia	82
produtos florestais certificados ecolog	84

### novas alternativas para borracha nativa

couro vegetal da amazônia	88
pneu xapuri	90
tecbor	92

### produtos fitoterápicos e cosméticos

avive aromas e cosméticos	96
cosméticos e fitoterápicos do iepa	98
ervas e banhos aromáticos bendita erva	100
florais da amazônia	102
linha ekos e flora medicinal da natura	104
óleo vegetais da flona tapajós arapiuns	106
sabonete veterinário amazonpet	108
sabonetes de murmuru tawaya	110
sabonetes e produtos babaçu livre	112
natuscience	114

### produtos gastronômicos

farinha do acre	118
frutos do cerrado	120
guaraná do acre	122
guaraná datere' novo	124
mel do mangue	126
mel dos índios do xingu	128
palmito de açaí king of palms	130
palmito sustentável da resex cajari	132
palmito e mel apaflora	134
palmito e polpa de frutas do projeto reca	136
palmitos do acre	138
polpa nova	140

### serviços

agência de negócios do estado do acre	144
bolsa amazônia	146
compradores de produtos florestais certificados	148
funbio	150
fundos ambientais a2r	152
fundos nacional do meio ambiente	154
instituto de econegócios da amazônia	156
instituto nawa	158
memorial chico mendes	160
pólo de indústrias florestais de xapuri	162
proambiente	164
projeto negócios sustentáveis	166
projeto pão e arte	168
pronegócios	170
balcão negócios sustentáveis	172

### arte e cestaria indígena

- 1 baniwa | 2 apurinã | 3 ashaninka | 4 agentes agroflorestais indígenas | 5 yakinô |  
6 wajëpi | 7 yanomami | 8 publicações indígenas | 9 kaxinawá | 10 vídeo nas aldeias

### artesanato de sementes e fibras vegetais

- 11 curauá do lago grande | 12 sementes florestais |  
13 cestaria de novo arêdo - projeto fibrarte |  
14 cestaria de santarém - projeto saúde e alegria

### castanha do brasil

- 15 castanha do acre | 16 óleo de castanha do  
amapá

### ecoturismo

- 17 centro de pesquisas canguçu  
18 cristalino lodge | 19 mamirauá  
20 reserx do vale do guaporé  
21 pousada aldeia dos lagos  
22 turismo verde - proecotur

### madeira certificada e artefatos

- 23 oela | 24 assentamento chico  
mendes | 25 dikel | 26 assentamento  
pedro peixoto? | 27 oficinas caboclas  
| 28 aver amazônia | 29 ecolog

### novas alternativas para borracha nativa

- 30 couro vegetal da amazônia  
31 pneu xapuri | 32 tecbor

### produtos fitoterápicos e cosméticos

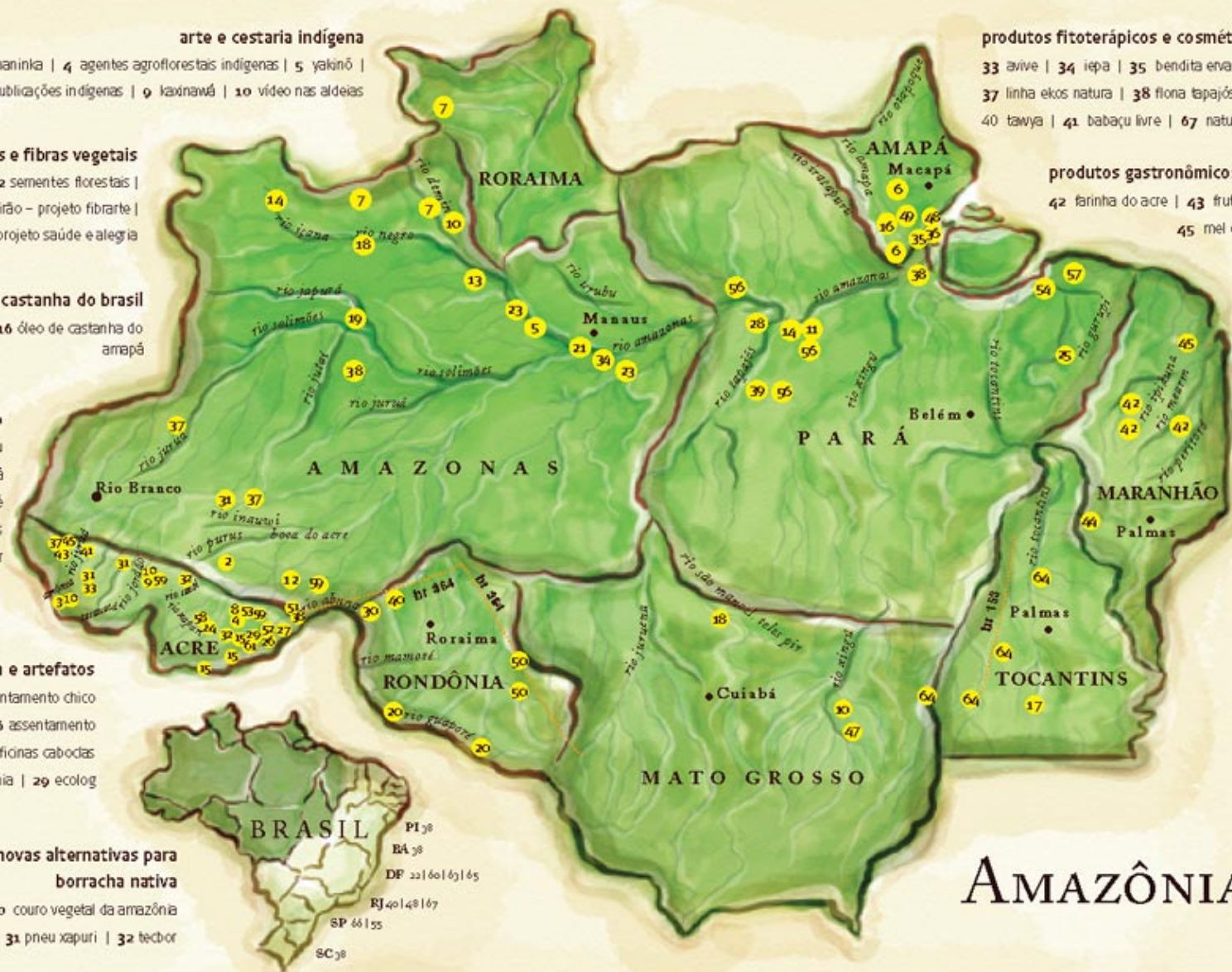
- 33 aive | 34 iepa | 35 bendita erva | 36 florais da amazônia  
37 linha ekos natura | 38 flona tapajós arapiuns | 39 amazonpet  
40 tawya | 41 babaçu livre | 67 natuscience

### produtos gastronômicos

- 42 farinha do acre | 43 frutos do cerrado | 44 guaraná do acre  
45 mel do mangue | 46 mel dos índios do xingu  
47 king of palms | 48 palmito cajari  
49 palmito e mel apafiara  
50 projeto reca  
51 palmitos do acre

### serviços

- 52 anac  
53 bolsa amazônia  
54 compradores de prod. florestais  
certificados  
55 funbio  
56 fundos ambientais A2R  
57 instituto de econôgodos da amazônia  
58 instituto nawa  
59 memorial chico mendes  
60 pólo de indústrias florestais de xapuri  
61 proambiente  
62 projeto negócios sustentáveis  
63 projeto pão e arte  
64 pronegócios  
65 balcão de negócios sustentáveis



# AMAZÔNIA LEGAL



## Bons negócios vicejam na floresta

Mary Allegretti \*

A floresta amazônica acolhe uma economia social e ecologicamente importante, mas ainda insuficientemente valorizada pela sociedade brasileira. Essa economia é praticada por populações culturalmente diversificadas, com modos de vida adaptados à dinâmica da floresta, que há gerações dela extraem frutos, óleos, seivas e fibras vegetais, além de cultivar uma diversidade de espécies regionais de valor comercial. São seringueiros, castanheiros, comunidades indígenas e de pequenos produtores cujos negócios, além de garantirem o sustento de suas famílias, mantêm a qualidade dos recursos naturais e evitam o desmatamento.

Entretanto, embora o crescimento do mercado de produtos derivados de recursos da floresta seja evidente, a ampliação dos negócios gerados pelas comunidades amazônicas esbarra em certas dificuldades, derivadas das condições em que produzem. Grande parte dos problemas enfrentados por esses empreendimentos tem origem na falta de organização das comunidades, na gestão dos negócios e em dificuldades técnicas encontradas no processo produtivo, que acaba comprometendo a comercialização dos produtos.

Nos últimos anos, a Secretaria de Coordenação da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente tem formulado e implementado políticas, com a participação de entidades que representam essas populações, visando solucionar esses problemas e fortalecer as condições de produção e comercialização dessa economia que viceja na floresta. Essas políticas são executadas por meio do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais e pela Coordenadoria de Agroextrativismo. Porém, à participação governamental devem ser adicionadas outras parcerias, a fim de criar as condições para



que, por exemplo, um óleo extraído na floresta seja transformado em um produto de qualidade e alcance mercados exigentes do Brasil e do mundo. A realização do evento **Negócios para Amazônia Sustentável** é uma das iniciativas que visam enfrentar esse desafio. Em sua segunda edição, o evento está reunindo produtores comunitários, representantes do setor privado, de organizações de apoio e de agências governamentais para divulgar uma rica coleção de iniciativas da Amazônia que tiveram o mérito de, criativamente, superar seus problemas. São experiências que trazem a marca do conceito “negócio sustentável”, que se caracteriza pela adoção de medidas que reduzem ao máximo o impacto ambiental no processo produtivo, por gerar benefícios sociais para as comunidades envolvidas e que têm como base relações comerciais justas, que possibilitam a capacitação dos produtores, o repasse de tecnologias, o pagamento de royalties e investimentos sociais.

Neste ano de 2002, **Negócios para Amazônia Sustentável** traz 67 experiências, muitas das quais apoiadas diretamente pela Secretaria de Coordenação da Amazônia, que envolvem uma ampla diversidade de produtos e serviços. Além de uma grande variedade de produtos artesanais de qualidade, inclusive indígenas, dessa amostra constam empreendimentos que resultam de parcerias entre produtores amazônicos e indústrias dos setores de pneumáticos, cosméticos e fitoterápicos, bem como iniciativas bem sucedidas no setor de serviços - como projetos de ecoturismo em áreas protegidas - e assessorias para alavancar negócios na Amazônia.

Ao reunir esses projetos e atores, queremos incentivar a disseminação do conceito de “negócio sustentável” associado à marca Amazônia, cujo apelo em mercados urbanos é extremamente promissor. Esperamos, ainda, que esse encontro propicie ao setor privado oportunidades de investimento para a ampliação desse mercado, com a concretização de novos negócios, e que novas iniciativas de produtores amazônicos sejam beneficiadas pela troca de experiência com aqueles expositores que superaram seus problemas e conquistaram bons parceiros comerciais.

\* Secretária de Coordenação da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente

## Amigos da Terra

Roberto Smeraldi

Amigos da Terra - Amazônia Brasileira é uma entidade ambientalista brasileira, sem finalidade lucrativa e reconhecida como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que atua desde 1989 em três principais áreas:

- projetos em campo na área social e ambiental (prevenção do fogo, assistência a comunidades isoladas, técnicas agroflorestais sustentáveis);
- políticas públicas para a sustentabilidade (desde o fim da década de 80 é a entidade líder no Brasil sobre políticas públicas para a Amazônia, com inúmeras publicações e ações)
- atividades visando os atores econômicos e financeiros - com projetos na área da promoção do consumo sustentável e da atuação social e ambiental das instituições financeiras.

A entidade desenvolve - entre outros - o projeto Balcão de Serviços para Negócios Sustentáveis - [www.negocios.org.br](http://www.negocios.org.br) - para fortalecer pequenos empreendimentos da Amazônia que geram renda e emprego por meio do uso sustentável dos recursos agroflorestais da região.

Trata-se de empreendimentos com características de sustentabilidade social, econômica e ambiental que enfrentam inúmeros obstáculos relacionados com acesso a mercados, tecnologia, recurso humano, demanda, conservação de produtos, beneficiamento e marketing e que encontram no balcão de serviços um instrumento apto a auxiliá-los na resolução destes problemas.

Neste contexto a exposição **Negócios para Amazônia Sustentável** oferece para a entidade uma importante oportunidade para divulgar alguns entre os mais de 200 empreendimentos - tanto comunitários, como micro e pequenas empresas - que fazem parte do banco de dados do site [www.negocios.org.br](http://www.negocios.org.br) e entre os quais são selecionados os que recebem a orientação e serviços do Balcão.

## WWF defende modelo florestal para a Amazônia

Luiz Carlos Pinagé \*

O WWF-Brasil é uma organização da sociedade civil autônoma e sem fins lucrativos, reconhecida pelo governo como instituição de utilidade pública. Criado em 1996 e sediado em Brasília, o WWF desenvolve mais de 70 projetos em todas as regiões do país com a missão de contribuir para que a sociedade brasileira conserve a natureza, harmonizando a atividade humana com a proteção da biodiversidade e com o uso racional dos recursos naturais, para o benefício dos cidadãos de hoje e das futuras gerações. O WWF-Brasil também é membro da maior rede mundial independente de conservação de natureza. A Rede WWF, criada em 1961, é formada por organizações autônomas de mais de 30 países, tem 5 milhões de afiliados, atua nos cinco continentes e seu secretariado-internacional está sediado na Suíça.

O Programa Amazônia do WWF-Brasil orienta-se pelo ordenamento territorial - principalmente através do Zoneamento Ecológico Econômico - e a valorização dos recursos florestais e aquáticos da região, aliando a conservação da biodiversidade com o uso racional dos recursos naturais. O WWF tem diversas parcerias na região para o desenvolvimento e o marketing de econegócios e algumas destas experiências fazem parte da Exposição Negócios para Amazônia Sustentável reunidas nesta publicação. Nestas experiências, combina-se o manejo sustentável de recursos naturais com a agregação de valor ao produto na base da pirâmide produtiva, de forma a assegurar o desenvolvimento econômico da região e a melhoria de vida e de renda da população local. Suas principais ações nesse sentido visam promover e apoiar a certificação FSC de florestas comunitárias e empresariais, viabilizar novos produtos à base de borracha, castanha, palmito e óleos essenciais em reservas extrativistas e outras áreas, promover o ecoturismo gerido pela comunidade e que contribui para a conservação ambiental, bem como a certificação do ecoturismo. Além disso, trabalha com políticas públicas, educação ambiental, capacitação de parceiros, disseminação e comunicação, visando a adoção de um modelo sustentável para a Amazônia.

\* coordenador do Programa Amazônia do WWF-Brasil

## AmazonLife | Couro Vegetal da Amazônia

Maria Beatriz Saldanha

A AmazonLife - Couro Vegetal da Amazônia é uma empresa dedicada ao desenvolvimento sustentável na Amazônia.

Sua missão é desenvolver e comercializar produtos que resultem na melhoria de qualidade de vida das populações tradicionais da floresta amazônica, valorizando suas culturas e a biodiversidade de seus territórios, oferecendo a nossos clientes a oportunidade de contribuir para a preservação da maior floresta do planeta.

Gerar lucros sociais, ambientais e financeiros através desta atividade.

Neste contexto, nos envolvemos na concepção do evento Negócios para Amazônia Sustentável, em parceria com a Secretaria de Coordenação da Amazônia, Amigos da Terra, WWF - Brasil e o Instituto Jardim Botânico entre outros parceiros.

Nossa intenção com isso é compartilhar nossa experiência de 11 anos de trabalho no desenvolvimento e marketing do couro vegetal Treetap, com outras iniciativas semelhantes, assimilar as experiências por elas vividas e com isso enriquecer e aprimorar nosso trabalho.

Pretendemos ainda ter a oportunidade de socializar o espaço conquistado por nós na mídia e no mercado a partir do estado do Rio de Janeiro, tradicional centro formador de opinião dentro do cenário nacional e internacional, contribuindo desta maneira para a consolidação do conceito e das experiências em negócios sustentáveis no Brasil e no mundo.





Os artefatos indígenas reunidos neste catálogo fazem parte de novas iniciativas de produção e comercialização, organizadas sob o signo da auto-gestão e da valorização cultural e ambiental. São produtos com origem, autoria e procedimentos definidos, que trazem a marca autoral de alguns povos indígenas, uma pequena amostra da sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil.

Há produtos tradicionais, originalmente carregados de significados simbólicos, cujas versões para o mercado percorrem metamorfoses até serem reinterpretadas pelos consumidores.

Mas também há novos produtos, invenções recentes, aproveitando recursos da mega diversidade no Brasil, habilidades e criatividade das novas gerações das aldeias.

São produtos com histórias, que querem falar com o público, alguns com vocação para disputar o espaço em galerias, ao invés da montoeira freqüente das lojas de artesanato e do imobilismo dos colecionadores.

Vale a pena reparar nas etiquetas, nos folhetos, nos livrinhos e nos vídeos que os acompanham.

BETO RICARDO  
Instituto Socioambiental

## arte e cestaria indígena

## . arte baniwa

organização  
indígena  
da bacia do  
Içana - OIBI

amazonas

Etnia de língua Aruak, os Baniwa habitam secularmente a região da fronteira entre Brasil, Colômbia e Venezuela, no extremo noroeste da Amazônia. Suas aldeias localizam-se às margens do Rio Içana e afluentes, bem como no Alto Rio Negro/Guainia e nas cidades de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos (AM).

Desde 1994, foi estabelecida uma parceria entre a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), o Instituto Socioambiental (ISA) e associações filiadas como a OIBI, para desenvolver um Programa Regional de Desenvolvimento Indígena Sustentável do Alto e Médio Rio Negro, no âmbito da qual foram demarcadas, entre 1997/8, cinco terras indígenas contíguas, somando cerca de 10,6 milhões de ha. Essa parceria inclui ainda atividades nas áreas de educação, economia sustentável e organização comunitária.

O projeto Arte Baniwa é parte das ações de "Alternativas Econômicas Sustentáveis" deste programa, buscando organizar de forma sustentável um sistema auto-gerido de produção e comercialização de cestaria indígena, com valores culturais e ambientais agregados, dando retornos financeiros, organizacionais e culturais ao povo Baniwa.

A cestaria de arumã é uma arte milenar ensinada aos homens Baniwa pelos seus heróis criadores, e cujos grafismos foram inscritos pelos antepassados nas pedras, em forma de petróglifos, para que nunca fossem esquecidos. Normalmente, são os homens adultos que os fazem para uso das mulheres no processamento de mandioca brava –

base da alimentação da etnia. É esta arte milenar que hoje representa a cultura do povo Baniwa, além de servir como fonte alternativa de recursos. A produção da cestaria de arumã envolve um grande número de etapas e outros materiais. Cada modelo pode incluir produtos de até nove espécies botânicas, entre fixadores, corantes, fibras, aros de cipó, e embalagem. Atualmente, 4 formas tradicionais de cestaria – urutu, balaio, jarro e peneira – são comercializados com o apoio do ISA para a elaboração de planos de negócios, a capacitação da associação e a mobilização de recursos. O projeto contou com apoio financeiro da ONG Austríaca Horizont 3000 desde o início de seu desenvolvimento e também do Ministério do Meio Ambiente na elaboração do Plano de Negócios, através do Fundo Nacional do Meio Ambiente. Além disso, há dois anos vem sendo realizada uma pesquisa sobre a sustentabilidade socioambiental do arumã, de modo a equilibrar a atividade comercial com o manejo dos recursos florestais.

OIBI - tel . (97) 471.28.29 – 471.11.49  
oibiwatsa@poranganet.com.br



## . arte indígena apurinã

associação dos artesãos e manejadores indígenas apurinã  
- ASAMIA

grupo de pesquisa e extensão em sistemas agroflorestais  
- PESACRE

acre



O povo Apurinã, do tronco lingüístico Aruak, localiza-se em aldeias ao longo do Rio Purus na Amazônia. Dentre estas, encontra-se a Comunidade Apurinã do "45", localizada ao Sul do Amazonas no Km 45 da BR 317, em Boca do Acre.

Foi buscando alternativas de renda para aquisição de bens e serviços não produzidos na terra indígena, que a comunidade passou a comercializar o artesanato em sementes florestais. Aliando essa necessidade à preocupação com os impactos socioculturais e ambientais da produção, surgiu o projeto de Manejo Comunitário de Produtos Florestais Não Madeireiros, desenvolvido em conjunto pelo Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre (PESACRE) e a Associação dos Artesãos e Manejadores Indígenas Apurinã do 45 (ASAMIA). O projeto engloba todo o ciclo produtivo do artesanato, desde o manejo sustentável dos recursos e a organização comunitária do trabalho, ao gerenciamento e à comercialização da produção. O projeto contou com o apoio financeiro da USAID desde 1994, e do MMA/FNMA, que em 1991 financiou um projeto para o fortalecimento da gestão social e econômica da comunidade.

Tradicionalmente os Apurinã "do 45" utilizam como matéria-prima de seu artesanato a semente dos frutos de palmeiras como o tucumã, injá, jarina e açáí. Peças como gargantilhas, colares, pulseiras, anéis, brincos e outros são confeccionadas a partir da lapidação das sementes. Toda a família é envolvida no processo de produção, desde a coleta

dos recursos naturais na floresta, feita por jovens e adultos do sexo masculino, até o acabamento final, sob a responsabilidade das mulheres.

Combinando o saber tradicional dos artesãos ao conhecimento científico dos pesquisadores, implementou-se uma metodologia pioneira de manejo de produtos florestais. Toda exploração é baseada no "censo" ou levantamento das espécies e indivíduos das palmeiras produtivas usadas no artesanato. Desse trabalho resulta um detalhado mapa ambiental, que garante tanto o monitoramento da população da espécie e dos impactos causados pela sua exploração, quanto o controle comercial da produção. Busca-se com isso o equilíbrio entre os fatores socioculturais, econômicos e ambientais da região e, principalmente, a melhoria de qualidade de vida das famílias através da autogestão comunitária.

ASAMIA - PESACRE  
contato . Jarbas Anute  
tel. (68) 223-3773 fax (68) 223-1724  
jarbas@amazonlink.org  
www.amazonlink.org/apurina  
www.pesacre.org.br



## . arte indígena ashaninka

associação  
ashaninka do  
rio amônia  
apiwtxa

acre



A preservação do patrimônio florestal e cultural da etnia é há mais de 15 anos um desafio do povo Ashaninka. Pertencente ao tronco lingüístico Aruak, este povo vive atualmente na região do Alto Rio Juruá, Estado do Acre, em diversas aldeias localizadas ao longo das cabeceiras dos rios Breu, Amônia, Envira e Tarauacá.

Ao longo dos últimos anos, os Ashaninka da Aldeia Apiwtxa no Rio Amônia vêm organizando-se em função de ações efetivas de conservação ambiental e valorização de sua história. Criaram para isso a Associação Apiwtxa, dedicada ao gerenciamento de projetos nas áreas de saúde, educação e organização produtiva da comunidade em atividades que diversifiquem e valorizem o patrimônio natural de suas terras e o seu cuidado ambiental.

Através da Associação Apiwtxa, a comunidade desenvolve formas de produção integradas aos trabalhos tradicionais da etnia, como o plantio e o manejo de espécies florestais e frutíferas, a extração de óleos vegetais (como o murmuru), a criação de abelhas nativas e de quelônios para repovoamento dos rios da região. Nesse sentido, a produção de artesanato começou a ser incentivada com o intuito de repassar os conhecimentos e práticas tradicionais para a nova geração e gerar novas fontes de renda. Em reuniões da Apiwtxa são definidos os produtos a serem comercializados bem como os de uso restrito apenas à comunidade.

O artesanato Ashaninka é composto por cerca de 80 artigos de uso tradicional, como arcos

e flechas, instrumentos musicais, colares de sementes e miçangas, cestaria, entre outros. Geralmente o trabalho artesanal envolve tanto homens quanto mulheres. Já a tecelagem, por exemplo, é uma função eminentemente feminina. Utilizando o algodão, as mulheres tecem os fios que confeccionarão bolsas, tipóias e cushma (vestimenta). O tingimento é obtido naturalmente pela variação do próprio algodão, ou pelo uso de corantes nativos, como cascas, barro, raízes e folhas. Para se ter uma dimensão da complexidade e do apuro desse processo, uma só peça pode consumir até 5 meses de trabalho contínuo.



Apiwtxa  
contato . Francisco Pianko  
tel . (68) 3251082 - 99873303





## . esculturas em madeira

associação do movimento dos agentes agroflorestais indígenas - AMAAI-AC comissão pró índio - CPI

acre

Nos últimos seis anos vem surgindo um novo ator social nas terras indígenas no Estado do Acre: o Agente Agroflorestal Indígena. Sua formação, bem como a assessoria às suas atividades nas aldeias, têm sido responsabilidades do Setor de Agricultura e Meio Ambiente da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre). Tal ação educacional tem como objetivo possibilitar o conhecimento de formas de manejo de alguns recursos naturais existentes no ecossistema, incidindo, a médio prazo, na melhoria da produção de alimentos e na qualidade de vida de toda a população.

Os Cursos de Formação de Agentes Agroflorestais Indígenas são oferecidos a jovens e adultos de diferentes etnias e comunidades indígenas do Acre para que possam refletir, intervir e pensar alternativas aos problemas sócio-ambientais existentes em suas Terras. Os Agentes Agroflorestais atuam na implementação de ações práticas voltadas para a garantia da segurança alimentar nas aldeias, na vigilância dos limites de seus territórios e na gestão ambiental de suas terras.

Hoje existem 60 Agentes Agroflorestais em atuação em 15 terras indígenas do Acre e Sul do Amazonas, habitadas por cerca de 5.400 índios dos povos Kaxinawá, Manchineri, Katukina, Yawanawá, Shawādawa, Ashaninka e Apurinã. Esses profissionais encontram-se organizados na Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAI-AC), entidade civil que atua no desenvolvimento, apoio e estímulo às ações de pesquisa, conservação e defesa da

biodiversidade e dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas do Acre.

Anualmente são produzidas cerca de 40 esculturas durante a atividade de "Artes e Ofícios", uma vertente da formação dos Agentes Agroflorestais, na qual têm sido delineadas alternativas de reutilização e agregação de valor às madeiras desvitalizadas, antes desperdiçadas como subproduto das atividades agrícolas. As madeiras têm sido transformadas em objetos de arte e mobiliário com design étnico, inspirados e originados em mitos e histórias dos povos indígenas acreanos. Segundo Benki Pianco, Agente Ashaninka do Rio Amônia, esculpir a madeira é "trabalhar com a origem, é agregar valor na madeira transformando a madeira em arte e mostrando que tudo pode ser reutilizado".

Além das esculturas, desenhos produzidos pelos Agentes indígenas também têm sido comercializados na forma de calendários, postais, camisetas, e cartazes.

AMAAIAC . contato . José Nilson Saboia  
CPI/AC . contato . Renato Gavazzi  
tel . (68) 224-1426. fax 224- 1486  
cpiacre@uol.com.br



## . artesanato indígena

associação  
de cultura e  
produção  
indígena  
Yakinõ  
coordenação das  
organizações  
indígenas  
da Amazônia-  
COIAB

A Associação de Produção e Cultura Indígena Yakinõ é uma associação indígena ligada à Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia (COIAB). A associação foi criada pelas organizações e lideranças indígenas em 2001 para fortalecer e disseminar a cultura indígena, ajudando a viabilizar economias baseadas na preservação ambiental e na afirmação sociocultural dos povos da Amazônia Brasileira.

A atuação da Yakinõ e da COIAB abrange toda a Amazônia, congregando 75 organizações indígenas regionais e 165 povos diferentes – 60% da população indígena do Brasil. Sua sede localiza-se em Manaus, funcionando como centro de informações, vitrine e loja de produtos indígenas, além de um canal de contato e intercâmbio entre as organizações e os produtores indígenas. Seus objetivos estão baseados em quatro áreas de ação: fortalecimento institucional das associações; desenvolvimento de atividades de produção sustentável nas comunidades; elaboração de estratégias de marketing para divulgação e inserção no mercado de produtos indígenas; e criação de um centro de pesquisa e divulgação da cultura indígena.

O artesanato tem sido o principal produto trabalhado pela associação, uma vez que sua produção e comercialização estimula a preservação da cultura material e a afirmação da identidade indígena, além de constituir uma alternativa de renda. As peças artesanais, como cestaria, máscaras, tapetes, adornos e cerâmicas



são produzidas nas aldeias, cabendo à Yakinõ o papel de organização e facilitação do processo de comercialização. Uma das ações da Yakinõ foi, por exemplo, a criação de um banco de dados sobre os artesãos, estoques e produtos indígenas com potencialidade de comercialização.

Hoje a associação desenvolve também o Programa de Desenvolvimento Sustentável Indígena da Amazônia Brasileira, financiado pela Fundação Ford, nas áreas de produtos medicinais, alimentícios e artesanato, buscando parcerias técnicas para assessorar as organizações indígenas na produção de óleo de copaíba, beneficiamento da castanha, mel e babaçu. A Yakinõ tem como parceiros permanentes a UNAIS, na assessoria geral do projeto, a COIAB, no apoio logístico e assessoria política das associações, as Organizações Indígenas de base, no apoio e sustento às atividades em desenvolvimento nas comunidades, e a FUCAPI, Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica, na assessoria técnica ao projeto de Babaçu.

associação de produção e cultura indígena yakinõ  
contato . Bonifácio José  
tel.fax . (92) 6229124 - 6376703  
yakino@buriti.com.br



## . artesanato wajãpi

conselho  
das aldeias  
Wajãpi  
- APINA

amapá



Etnia da família Tupi-Guarani, os Wajãpi vivem em aldeias distribuídas da margem do rio Oiapoque, na Guiana Francesa, até a região a noroeste do Estado do Amapá, e ao norte do Estado do Pará. No Amapá, os Wajãpi habitam terras situadas nos municípios de Laranjal do Jari e Pedra Branca do Amapari.

Tradicionalmente, os Wajãpi utilizam um conjunto de conhecimentos e tecnologias que garantem sua auto-sustentabilidade, como a confecção de equipamentos de caça e pesca; instrumentos para o processamento da mandioca e preparo de alimentos; artefatos talhados em madeira; panelas, tigelas e potes em cerâmica; tecelagem de algodão para o vestuário; adornos em plumária para uso cotidiano e ritual, assim como muitos outros artefatos. O conjunto destes, e o saber neles implícito, constitui a cultura material Wajãpi, presente em diversas formas na vida da etnia: no manejo dos recursos naturais, nas técnicas de manufatura, e na organização tradicional do trabalho.

Com o objetivo de proteger os direitos da etnia, bem como organizar a produção e a comercialização do artesanato, fundou-se em 1994 o Conselho das Aldeias Wajãpi (Apina). O Conselho tem contado para isso com o apoio do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) como parte de um projeto integrado de assessoria. Hoje a produção e comercialização de artesanato Wajãpi adapta as técnicas e objetos tradicionais de sua cultura material ao contexto do mercado. A produção

ênfatisa a qualidade e não a quantidade das peças, haja vista o tempo e o cuidado envolvidos em sua confecção, desde a coleta das matérias-primas (que depende de um minucioso conhecimento sobre o meio ambiente e de como manejá-lo), até o beneficiamento e a confecção final dos objetos.

Busca-se com este projeto um mercado que entenda e valorize os aspectos diferenciados da cultura material Wajãpi. Nesse sentido, recentemente o artesanato Wajãpi fez parte da Exposição "Tempo e espaço na Amazônia - Os Wajãpi", realizada pelo Museu do Índio / Funai / RJ e organizada com apoio do CTI e do próprio Apina. Foram mais de 400 objetos confeccionados com o intenso envolvimento de todas as comunidades e que permitiram a aproximação do público das grandes cidades das artes tradicionais da etnia.



APINA  
contato . Aikyry Wajãpi  
Cássio Noronha Inglez de Sousa  
tel. (96) 212-9146 fax 212-9159  
apina@tvsom.com.br  
apina.artesanato@tvsom.com.br  
cassiocamarada@uol.com.br



## . cestaria yanomami

comissão  
pró yanomami  
- CCPY

amazonas



O Projeto Cestaria Yanomami envolve 14 aldeias das regiões do Demini, Toototobi e Parawau, Estado do Amazonas, onde a população é de 757 pessoas. Com o suporte da Comissão Pró-Yanomami (CCPY), organização não governamental fundada em 1978 para apoiar a etnia na defesa e uso sustentável de suas terras, a venda dos cestos tem servido como alternativa econômica para o grupo. O artesanato tradicional dos cestos é uma atividade que ao mesmo tempo valoriza a cultura e traz retorno financeiro para que os Yanomami possam adquirir outros bens manufaturados.

Os cestos Yanomami, confeccionados exclusivamente pelas mulheres, além de serem peças artísticas são também objetos de uso diário para carregar e armazenar comidas e objetos. Os cestos com trama larga, por exemplo, servem para pescar pequenos peixes e para escorrer a água de alimentos cozidos. O formato circular é uma característica da cestaria Yanomami assim como de toda a sua cultura (são circulares as casas, o corte de cabelo, e outros elementos).

Contam os mais velhos que essa tradição teve início com Tihinama, uma mulher Yanomami que viveu há muito tempo e que nasceu com o dom de tecer cestos xotehe e wii. Após a sua morte, ela deixou seus ensinamentos sobre a técnica de cestaria para as mulheres. Mais do que ensinamentos, Tihinama teria deixado sua própria energia (kama ani utupë hëkema), presente até hoje no trabalho de cada mulher Yanomami.

São quatro as fibras que podem ser utilizadas para se tecer o xotehe: o cipó titica (masikiki) e a raiz de

paxiubinha (horomo si), que são mais resistentes e por isso utilizados na confecção da trama e da armação base; o cipó imbé (morothoma thoxiki) e um fungo que parece uma raiz (uxiuxikiki), que são outras duas fibras mais flexíveis, entrelaçadas à base. Para embelezar ainda mais os cestos, podem ser feitos desenhos com urucum (vermelho) e jenipapo (preto), semelhantes aos desenhos que os Yanomami aplicam ao próprio corpo. A produção e comercialização do artesanato de cestaria é hoje uma alternativa viável economicamente e segura ambientalmente para a geração de uma fonte de renda suplementar para as comunidades Yanomami.

CCPY

contato . Conceição de Maria C. Ribeiro

tel . (95) 224 70 68

fax (95) 224 34 41

ccpyeduc@technet.com.br





## . publicações indígenas

organização  
dos professores  
indígenas do acre

- OPIAC

comissão  
pró índio - CPI

acre

O livro Shenipabu Miyui, ou “História dos Antigos”, publicação em língua indígena e portuguesa, é o resultado de uma pioneira pesquisa realizada durante seis anos por um grupo de professores Kaxinawá (autodenominados Huni Kuin) sobre parte da história oral de seu povo. Estas histórias ou mitos foram pesquisadas junto aos velhos indígenas, mestres da tradição, e transcritas e adaptadas para o português pelos professores da etnia. Com isso, a obra conserva o sabor das narrativas mitológicas dos Kaxinawá, tradicionalmente contadas em animadas conversas familiares.

Esta obra é um dos resultados concretos da atuação conjunta da Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC) com a Comissão Pró Índio do Acre (CPI/AC) pela valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, o que inclui seu registro e divulgação através da escrita em língua indígena e língua portuguesa e em outros meios de comunicação. A OPIAC foi criada em 2000 com o propósito de promover e divulgar a educação escolar indígena, específica e diferenciada no Estado do Acre, desenvolvendo um trabalho ligado à valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas.

A publicação do livro Shenipabu Miyui – financiada pela Rainforest Foundation Noruega e a Universidade Federal de Minas Gerais – e de outros materiais editados pela CPI/AC e a OPIAC, vem possibilitando a transmissão e recriação contínua de aspectos valiosos das culturas indígenas. Isso vem gerando, além de uma reflexão contínua sobre

as línguas tradicionais desses povos, um renovado interesse dos jovens por tudo o que diz respeito às suas culturas: festas tradicionais, cantos ritualísticos e, mais recentemente, esculturas em madeira reciclada representando os mitos tradicionais das etnias.

Além disso, os recursos provenientes da comercialização das publicações vem a possibilitar o fortalecimento institucional do órgão representante dos professores indígenas, a Organização dos Professores Indígenas do Acre, que procura, através do incentivo e apoio aos professores e autores nativos, divulgar e fortalecer as suas culturas tradicionais. Os recursos recebidos serão utilizados no apoio para novas publicações a serem editadas pelos professores indígenas, seculares narradores e hoje escritores das tradições de seu povo.

OPIAC

contato . Isaac Pianko

Comissão Pró-Índio do Acre – CPI/AC

contato . Maria Luiza Uchoa

tel . (68) 224-1426. fax 224-1486

[cpiacre@uol.com.br](mailto:cpiacre@uol.com.br)



## . tecelagem kaxinawá

associação das produtoras artesãs mulheres indígenas kaxinawá de tarauacá e jordão -

APAMINKTAJ

associação do povo kaxinawá do rio jordão -

ASKARJ

acre



Os Kaxinawá - ou Huni Kuin, como se auto-denominam - são uma etnia de língua Pano habitante do sudoeste da Amazônia, especialmente do Estado do Acre. As famílias Kaxinawá constituem atualmente a população indígena mais numerosa da região, chegando a aproximadamente 4.000 pessoas, distribuídas em 12 Terras Indígenas em diferentes afluentes dos rios Purus e Juruá.

Visando a diversificação das atividades produtivas das comunidades Kaxinawá, a ASKARJ e a APAMINKTAJ vêm promovendo a comercialização do artesanato da etnia, confeccionado a partir de materiais como algodão, barro e palha. Juntas, as associações buscam atrair recursos para o aprimoramento e a difusão das práticas tradicionais da tecelagem, bem como canalizar mais eficazmente a produção, tendo em vista os mercados brasileiro e exterior.

A tecelagem Kaxinawá é caracterizada pela sua ornamentação com os kene - “escrita” ou “desenho”, no idioma da etnia. Do ponto de vista plástico, os kene são um conjunto de padrões gráficos tradicionalmente associados aos desenhos do corpo da jibóia (Yube), que segundo os mitos de origem seria a dona ou mestra desse conhecimento. Diversos padrões de kene são utilizados no cotidiano dos Kaxinawá, recobrando homens e mulheres na pintura corporal e alguns artefatos de cestaria, cerâmica, e tecelagem em algodão.

Segundo o pesquisador Agostinho Muru, Kaxinawá do Rio Jordão, envolver uma superfície com os desenhos kene é uma forma de marcar sua

originalidade e história, definindo-a essencialmente como kuin (verdadeira, própria). O fogo, as plantas, a água e todos os elementos utilizados no processo de confecção e tingimento dos fios de algodão são considerados matérias com yuxin (espírito), e é da combinação destes elementos especiais que cada kene é gerado.

O processo de tecelagem é feito pelas mulheres, e resulta em redes, mantas, chapéus, capangas, tipóias e outros utensílios de uso cotidiano. Além de sua importância para o repasse e a socialização de conhecimentos tradicionais às gerações mais novas, o incentivo à tecelagem representa uma possibilidade de fonte de renda alternativa para as famílias Kaxinawá, cada vez mais envolvidas na tarefa de criar condições de preservação de sua identidade cultural sem prejudicar a sustentabilidade dos recursos materiais de suas comunidades.

ASKARJ

contato . Siã Kaxinawá

tel . (68) 224 5009 / 99831952

siakaxinawa@bol.com.br

APAMINKTAJ

contato . Judite Carlos da Silva

Raimunda Nonata Silva Pinheiro



## . vídeos indígenas

projeto  
vídeo  
nas aldeias

amazônia

O Projeto Vídeo nas Aldeias vem incentivando, há quinze anos, o uso do vídeo como um instrumento de expressão da identidade indígena, refletindo a sua visão sobre o mundo e sobre si mesma. Além disso, ao equipar as comunidades de diferentes etnias com aparelhos de vídeo, o projeto tem estimulado o intercâmbio dessas visões e a circulação de informações entre os povos indígenas.

A formação dos realizadores indígenas foi feita inicialmente em cada aldeia, produzindo registros para o uso interno das comunidades. Hoje, através de oficinas nacionais e regionais, eles aprendem e debatem conjuntamente a melhor maneira de abordar suas realidades, tratando de temas de importância capital para seus povos.

O acervo do projeto conta hoje com um conjunto amplo de documentários produzidos pela equipe de formadores e realizadores indígenas, divididos em diferentes séries: "Vídeo nas Aldeias", que mostra os processos de apropriação e uso do vídeo por diferentes comunidades; "Encontros", que retrata o intercâmbio entre povos que se conheceram através do vídeo; "Rituais", uma abordagem de rituais e tradições culturais com a cumplicidade dos índios; "Realizadores Indígenas", documentários realizados no decorrer das oficinas de capacitação; "Programa de Índio", uma série de 4 programas realizados para a televisão onde, além de personagens, os índios são co-realizadores e apresentadores; "Conflitos Amazônicos", que aborda os conflitos pela terra na Amazônia e a experiência de desenvolvimento sustentável em



áreas indígenas; e "Índios no Brasil", uma série de vídeos realizados para a TV Escola do Ministério da Educação, que traça um painel da realidade indígena para os estudantes do ensino fundamental.

Com financiamento do Programa Norueguês para Povos Indígenas, o projeto atua hoje com diversas etnias dos Estados de Mato Grosso, Amazonas e Acre, como os Ikpeng, Suyá, Panará, Xavante e Waimiri Atroari, Ashaninka, Manchineri e Kaxinawá, através de suas associações comunitárias ou organizações não governamentais de assessoria, como a Associação da Terra Indígena do Xingu (ATIX), a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), a Associação dos Ashaninka do Rio Amônia (Apiwtxa), a Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC), o Instituto Socioambiental (ISA), a Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC), e o Programa Waimiri-Atroari, entre outras.



vídeo nas aldeias  
tel . (81) 34933063  
videonasaldeias@  
videonasaldeias.org.br  
www.videonasaldeias.org.br





Florestas e Biodiversidade são as primeiras palavras que surgem na mente das pessoas quando falamos de Amazônia. Depois vem a água, a chuva, e, por fim, os índios. Mas a Amazônia é muito mais: é o lugar onde a sócio e a biodiversidade se misturaram de tal modo que podemos dizer que as nossas florestas são um imenso jardim moldado, ao longo dos séculos, pelas mãos das culturas que o povoaram. Esta interação não provocou caos, mas uma ordem sutil onde natureza e cultura criam em conjunto a harmonia da Vida.

Esta História em movimento se reflete nas escolhas feitas pelas comunidades amazônicas ao buscar alternativas de renda. Os quatro projetos a seguir são um pequeno exemplo da multitude de experiências inovadoras da região esperando por apoio para mudarem de escala. Em comum, todas têm a origem, a organização social, o forte componente de gênero (mulheres e jovens) , o apoio de organizações não governamentais, e, mais do que tudo, a transformação da cultura material, dos utensílios do dia a dia, em Arte.

Assim, usando recursos naturais abundantes em sua área, utilizando conhecimentos tecnológicos acumulados por gerações sobre manejo e transformação destes recursos, usando formas e desenhos inspirados na cultura e na tradição mas, também, associando novas tecnologias, culturas, olhares e necessidades, as artesãs e artesãos da Amazônia se fizeram artistas e empreendedores sem perder sua natureza nem sua relação com a mãe Natureza.

MURIEL SARAGOUSSI  
Fundação Vitória Amazônica

## artesanato de sementes e fibras vegetais



## . artesanato curauá

central de  
comercialização  
de produtos  
agrossilvipastoris  
de origem familiar  
da região  
do lago grande  
do curuai -  
CENTRALAGO  
associação  
de artesãos e  
artesãs do  
lago grande  
do curuai -  
ASALC

pará

Os índios Curuaís deixaram ao povo de Lago Grande do Curuaí, Santarém/PA, uma herança que ainda hoje se faz presente no seu cotidiano: a confecção do artesanato em palha, tala de palmeiras, cerâmica e fibra do curauá. O resgate, a valorização e a produção do artesanato são de fundamental importância para o desenvolvimento da região. Nesse sentido, foi criada a Associação dos Artesãos e Artesãs do Lago Grande do Curuaí (ASALC) com a preocupação de preservar essa arte, intimamente ligada à origem e à cultura do povo de Lago Grande.

Com o apoio da CENTRALAGO, uma central de comercialização criada com o objetivo de organizar e comercializar a produção de curauá e demais produtos de origem familiar da região, e do Centro de Apoio aos Projetos de Ação Comunitária (CEAPAC), organização não governamental de assessoria à organização e desenvolvimento comunitário, os artesãos da região já vêm diversificando e comercializando a sua produção.

O curauá é uma planta pouco conhecida da família das bromélias cujas folhas fornecem uma fibra têxtil secularmente utilizada pelas culturas pré-colombianas. Pequenos produtores do Lago Grande do Curuaí – onde o curauá é particularmente abundante – cultivam a planta em consórcio com outras espécies, utilizando a fibra para a confecção de cordas e cabos. Ultimamente, esses produtores iniciaram a aplicação da fibra em peças artesanais, como bolsas, chapéus, redes, sandálias, roupas, cintos, mochilas, ventarolas e outros. Além desses produtos, a Associação também produz artefatos

em outras matérias-primas, como palha, argila, talas e cipós. O processo de organização dos trabalhadores dá-se, principalmente, através das associações de pequenos produtores existentes na região.

As perspectivas de mercado para a comercialização da fibra de curauá também são animadoras. Pesquisas apontam resultados que a credenciam como a fibra mais promissora do mundo em termos de sua aplicabilidade comercial. Por exemplo, já existe interesse da indústria automobilística em substituir a fibra de vidro pela fibra natural do curauá, cujo cultivo está se expandindo pelo Brasil, estimulando inclusive a realização de testes para aplicação da fibra na confecção de roupas e tecidos, entre outros produtos.

### CENTRALAGO

contato . Pedro Lima Silveira - Manoel Júlio Ferreira

### ASALC

contato . Raimunda Reginalda Sousa - Eliane Nobre

### CEAPAC

contato . Maria Elizabete Santos do Carmo

tel . 093 522 4201

ceapac@tap.com.br



## . artesanato de sementes florestais

oficina escola  
de artesãos  
pé de tucano

amazonas

A Oficina Escola surgiu de uma dupla motivação dos artesãos de Boca do Acre: trabalhar peças inspiradas na diversidade e beleza das sementes florestais e reverter a situação de carência em programas de geração de renda para os jovens do município. De maneira a conciliar essas prerrogativas, criou-se o Projeto Pé de Tucano, voltado para a profissionalização de jovens de baixa renda do município de Boca do Acre, Sul do Amazonas. Atualmente, o projeto já beneficiou cerca de 50 jovens e atualmente capacita 12 jovens artesãos na produção de bijouterias e artigos de decoração, utilizando apenas sementes de espécies nativas da floresta amazônica, como o açai, marajá, paxiúba, faveira, tucumã e jarina. O trabalho de artesanato tem início com a coleta de toda a matéria-prima utilizada pelas famílias que vivem às margens dos igarapés e rios da região. Em seguida, esse material é beneficiado na Oficina do projeto, onde são confeccionadas peças como colares, brincos, pulseiras, cortinas e ornamentos religiosos. Os jovens participantes do projeto devem estar matriculados na escola e recebem um pagamento em função da sua produção, que pode ser feita tanto na oficina quanto em casa, equilibrando a produção do artesanato com a rotina dos jovens. O Projeto atingiu hoje uma capacidade mensal de beneficiamento de aproximadamente 200 quilos de sementes, o que significa a produção de em torno de 200 pulseiras, 500 colares, 50 cortinas e 200 souvenirs variados. Ampliando-se o número de jovens participantes do programa em 25%, e aumentando em 50% o



fornecimento de sementes, a Oficina seria capaz de produzir 300 quilos de semente beneficiada por mês e 30% a mais de produtos de artesanato. A Oficina Escola mantém atualmente uma parceria com a Associação de Produtores de Artesanato e Seringa, mas continua buscando novos apoios para elaborar um plano de manejo para coleta das sementes e reposição de espécies que vêm diminuindo na floresta, e para reformar e ampliar o galpão que abriga o setor de secagem e armazenamento. Toda a produção da Oficina Escola de Artesãos Pé de Tucano é hoje comercializada no Aeroporto e no Mira Shopping em Rio Branco, no Hotel Floresta em Boca do Acre, e distribuída pela Amazonlife e pelo SEBRAE.

Oficina Escola de Artesãos Pé de Tucano  
contato . Adriano Grioni  
tel.fax (97) 4535712 (APAS)



## . cestaria de novo airão - fibrarte

associação dos artesãos de novo airão - AANA

fundação vitória amazônica - FVA

amazonas

O projeto FIBRARTE tem como principal finalidade o desenvolvimento de alternativas de geração de renda para a população da bacia do Rio Negro através da produção tradicional de artesanato. Esta atividade é baseada no manejo responsável da extração de fibras vegetais e em práticas de comercialização equilibradas, incentivando a participação efetiva e a autonomia dos artesãos em todo o processo de gerenciamento e controle da produção, e logo, no processo de desenvolvimento comunitário.

O projeto surgiu de uma parceria da Fundação Vitória Amazônica (FVA) com os artesãos do município de Novo Airão. Atualmente, a FVA vem buscando incentivar a autonomia econômica e política destes artesãos, sobretudo após a criação da AANA (Associação dos Artesãos de Novo Airão). Em 1994, o projeto iniciou suas atividades no município com o cadastro de todos artesãos da localidade, e com amplas discussões sobre a viabilidade do projeto e a extensão de suas atividades. A partir disso, o incentivo à produção, à identificação de canais potenciais de comercialização, à organização para a formação da Associação, e à realização de pesquisas científicas sobre as fibras utilizadas formaram o conjunto de atividades do projeto.

Este projeto vem contando com o apoio do POEMAR, órgão da Universidade do Pará que ministrou um curso sobre gerenciamento de associações; SEBRAE, que ofereceu cursos de organização empresarial; Prefeitura de Novo Airão, que apoiou



a construção da Central de Artesanato; Módulo Arquitetura, com o fornecimento da planta da Central de Artesanato; UNICEF, Governo da Áustria, WWF – Brasil, Dfid e Fundação W. Alton Jones, que financiaram a construção e os equipamentos da Central de Artesanato; FUNBIO, que apoiou o projeto nas atividades de manejo na área florestal; Pinho Sol Amazônia - Kolynos do Brasil e Fundação Ford.

O resultado concreto desse trabalho é uma grande variedade de peças artesanais – peneiras, leques, tapetes (tapetes), luminárias, abajures, jogos de mesa e cestas de cipó – produzidas com materiais orgânicos como palhas e raízes de espécies nativas, entre elas arumã, tucumã e um tipo de cipó conhecido como ambé. Posteriormente, no processo de tingimento são apenas empregados corantes naturais encontrados no ecossistema da região, como o urucum, crajiru e outras resinas.

FVA

contato . José Max Dias Figueira - Érika Nakazono.

tel . (92) 642 45 59 - 642 78 66 - 236 32 57

fax 236 32 57

fibrarte@fva.org.br

www.fva.org.br

AANA

tel . (92) 365 12 78



## . cestaria de santarém

projeto  
saúde e alegria  
PSA

pará



A arte de usar as mãos para confeccionar peças de uso doméstico tem uma longa tradição entre as populações da Amazônia. Hoje, na comunidade de Urucureá, Rio Arapiuns, no Município de Santarém, esse tipo de artesanato vem mostrando um grande potencial como fonte alternativa de renda para muitos povoados, com a vantagem de ser baseado em princípios de desenvolvimento sustentável.

Com o apoio do Núcleo Mulher Cabocla do Projeto Saúde e Alegria, e por meio do Programa de Geração de Renda, um grupo de mulheres dessa localidade pôde revitalizar as antigas técnicas tradicionais que vinham sendo gradativamente abandonadas, como por exemplo a produção de cestaria em palha de tucumã, uma palmeira nativa encontrada praticamente em toda a Amazônia.

Os produtos são confeccionados a partir da coleta da folha nova da palmeira, folha que trinta dias após a sua extração regenera-se naturalmente, facilitando bastante a utilização comercial da matéria-prima através do manejo da palheira. Garante-se assim a abundância dos recursos naturais a longo prazo, sem prejuízo à exploração econômica do artesanato.

No processo de manufatura artesanal a palha é tingida com pigmentos naturais, extraídos no ecossistema da própria comunidade. Os corantes básicos são o urucum (vermelho), o jenipapo (preto azulado), a capiranga (violeta), o crajirú (marrom) e a mangarataia (amarelo). O acabamento é feito com fios de curauá e a própria palha natural. Sementes nativas também são usadas para fechar as peças.



A partir do resgate dessas técnicas artesanais, e posteriormente, de um trabalho amplo de organização que envolveu a diversificação dos produtos, o melhor controle de qualidade e o fortalecimento da capacidade de auto-gestão comunitária, o Grupo de Mulheres não apenas aumentou a produção, como também passou a comercializá-la em grandes centros urbanos do País. Hoje, o Grupo destina 15% de seus lucros para um fundo rotativo da comunidade, utilizado em ações de combate à desnutrição infantil e no apoio à saúde da mulher.

Essa experiência já vem sendo multiplicada para outras localidades da região, contribuindo de maneira concreta para a busca de soluções localmente adaptadas que promovam o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida das comunidades, sem agressão ao meio ambiente.

PSA  
contato . Valcléia Lima  
tel . (91)523-1083 fax (93) 522-5144  
mulhercabocla@saudeealegria.org.br





Todos a conhecem como castanha-do-Pará, castanha-do-Brasil ou, mais recentemente, castanha-da-Amazônia, como desejam a Bolívia, o Peru e Brasil. A sua ocorrência natural se espalha por toda a região, com maior expressão no Pará, Acre e Amapá. Embora a castanheira esteja protegida por lei, isso não tem sido suficiente para evitar a sua diminuição em várias localidades, em função do avanço do desmatamento e das queimadas.

Ao lado da borracha, a castanha do Brasil é o principal produto extrativista, e, depois do declínio da borracha, chegou a sustentar, por relativo período, a economia regional. Como produto, a castanha é um dos que apresenta maior potencial econômico. No mercado regional recebe boa aceitação. No mercado nacional e internacional de amêndoas também. Na culinária, são inúmeras as possibilidades de utilização, na cosmética e na medicina também. Há a farinha e o leite de castanha, a torta, a amêndoa in natura, e o óleo. Do ouriço, faz-se até artesanato.

Este catálogo apresenta importantes iniciativas comunitárias de negócios que servem como exemplo de erros e acertos. As comunidades estão começando, há pouco mais de 10 anos, a desenvolver o beneficiamento do produto, promovendo parcerias inéditas, explorando o mercado governamental e institucional, como o da merenda escolar.

Mas há muito o que fazer ainda, buscar outras possibilidades, como, por exemplo, fornecer o produto semi-processado para a indústria cosmética, que é um mercado ainda incipiente. Contudo, o passo crucial é investir nas comunidades, sobretudo na capacitação para o comando de seus empreendimentos. As iniciativas descritas neste catálogo indicam o acerto dessa estratégia.

MAURO OLIVEIRA PIRES  
SCA/MMA

A large, dark silhouette of a palm tree is positioned on the right side of the page, set against a clear blue sky. The tree's fronds are spread out, and its trunk is visible at the bottom right. The overall composition is simple and evokes a tropical atmosphere.

castanha do brasil

## . castanha do acre

cooperativa  
agro-extrativista  
de xapuri - CAEX  
cooperativa mista de  
produção extrativista e  
agropecuária de  
epitaciolândia e  
brasiléia - COMPAEB  
agência de negócios  
do acre - ANAC

acre

O Estado do Acre é responsável por mais de 50% da produção nacional de Castanha in natura, tendo garantido o fornecimento, apenas no ano de 2000, de mais de 7 mil toneladas do produto. Atualmente a produção do Estado fica em torno de 10.000 a 12.000 toneladas por ano.

A castanha do Brasil é uma rica fonte alimentar para o organismo humano, totalmente orgânica e natural. É composta de cerca de 17% de proteína e 67% de gordura vegetal insaturada, além de possuir sais-minerais e açúcares, incluindo o selênio, antioxidante fundamental para a saúde do sistema cárdio-vascular. As castanheiras podem atingir mais de 50 metros de altura, sendo sua existência datada de milhares de anos. A preservação das castanheiras do Estado do Acre – bem como das seringueiras – foi uma das bandeiras de luta de Chico Mendes em prol da sustentabilidade das comunidades extrativistas da região.

Colhida e pré-selecionada pelos castanheiros acreanos, a castanha do Brasil é processada e industrializada pela Cooperativa Mista de Produção Extrativista e Agropecuária dos Municípios de Epitaciolândia e Brasiléia Ltda. (COMPAEB), e pela Cooperativa Agroextrativista de Xapuri Ltda. (CAEX), onde a castanha é seca, descascada, selecionada por tipo e embalada a vácuo. A COMPAEB, localizada no município de Brasiléia/AC, congrega 750 famílias de pequenos produtores e extrativistas, atuando no beneficiamento e comercialização de diversos produtos, como sementes florestais, óleo de copaíba, castanha

e açai entre outros. A CAEX está localizada em Xapuri/AC e atua na comercialização de castanha extraída na Reserva Extrativista Chico Mendes.

As duas cooperativas processam atualmente, em média, 140 toneladas de castanha do Brasil por ano, mas com a instalação de duas novas unidades de processamento nos municípios de Brasiléia e Xapuri, será possível beneficiar 5.800 toneladas/ano do produto in natura, resultando em 1.900 toneladas de castanha beneficiada por ano. Com o apoio da Agência de Negócios do Acre (ANAC), por meio de um convênio com a Secretaria de Coordenação da Amazônia, novas e modernas embalagens foram idealizadas, como latas metálicas e caixas de papel cartão contendo 250 gramas do produto, visando o mercado nacional e internacional.

CAEX - contato . Raimundo Tavares Lemos  
fax (68) 542 2142 - caex@mdnet.com.br

COMPAEB - contato . Sérgio Alécio  
tel . (68) 546 3126 - capeb@bli.ufac.br

ANAC - tel . (68) 2243067 - 2234711  
negociosdafloresta@ac.gov.br  
www.negociosdafloresta.com.br



## . óleo de castanha

cooperativa mista  
extrativista  
vegetal dos  
agricultores  
do laranjal  
do jari - COMAJA

cooperativa  
central dos  
produtos da  
floresta-  
COOPFLORA

organização das  
cooperativas  
do estado  
do amapá  
- OCEAP

## amapá

O Óleo Virgem de Castanha do Brasil é uma novidade na indústria de alimentos. Proveniente das florestas do Amapá, o óleo é um produto puramente amazônico, 100% natural, e com qualidade garantida pelo Governo do Estado do Amapá, que desenvolve e industrializa em harmonia com o meio ambiente produtos tradicionalmente usados pelos povos da floresta – índios, castanheiros, seringueiros e ribeirinhos.

O Óleo Virgem de Castanha do Brasil é produzido e engarrafado localmente pela Cooperativa Mista Extrativista Vegetal dos Agricultores do Laranjal do Jari, e comercializado pela Cooperativa Central dos Produtos da Floresta - COOPFLORA, empresas associadas ao Parque de Incubação de Empresas e Extensão Tecnológica do Estado do Amapá. Toda a produção é financiada e apoiada pelo Governo do Estado do Amapá e pelo SEBRAE.

O Óleo Virgem de Castanha do Brasil é obtido através da prensagem a frio das melhores castanhas colhidas na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru e na Reserva Extrativista do Rio Cajari, no Sul do Amapá. A produção e comercialização do óleo virgem de castanha envolve centenas de famílias que vivem há gerações na floresta, e que hoje, donas dos meios de produção, conseguem ter uma vida mais confortável na floresta sem derrubar uma única árvore.

Estudos comprovam que a castanha brasileira é rica em selênio, um mineral que além de ser um poderoso antioxidante, ajuda na formação do

colesterol bom, podendo ainda ser utilizado na culinária para temperar saladas, carnes brancas ou mariscos. Portanto, além de constituir um produto natural e benfazejo à saúde, o Óleo Virgem de Castanha do Brasil ainda ajuda a promover a auto-sustentabilidade das comunidades extrativistas envolvidas, em harmonia com a conservação ambiental.

A Cooperativa Central dos Produtos da Floresta - COOPFLORA, onde o óleo é comercializado, reúne o melhor artesanato, produtos de higiene e beleza e alimentos produzidos pelas populações tradicionais do Estado, que se destaca atualmente por seus projetos de desenvolvimento sustentável. Apenas 2% da área do Amapá encontra-se desmatada, sendo que o Estado é palco atualmente de experiências inovadoras de incentivo à cidadania dos povos da floresta. O Óleo Virgem de Castanha do Brasil é apenas um dos muitos exemplos dessas experiências.

COMAJA - OCEAP  
contato . Eliseu Viana  
tel . (96) 3084 1705 fax 225 3433  
coopflora@tvsom.com.br  
www.amapa.gov.br



O ecoturismo, segmento em rápida expansão em todo o mundo, vem colocando o Brasil e a Amazônia no mapa dos grandes destinos mundiais. Dentre os negócios sustentáveis vem se destacando por apresentar uma gama de experiências que demonstram como gerar benefícios para a floresta e seus povos. E atraindo visitantes, o ecoturismo pode impulsionar outros negócios sustentáveis, como a pesca, o artesanato e o extrativismo. Mas para cativar o turista brasileiro e atender o exigente consumidor estrangeiro, o ecoturismo deve ser implantado com critérios bem definidos. Planejamento participativo, infra-estrutura de baixo impacto, gestão operacional sustentável, educação do visitante, apoio à pesquisa científica e benefícios diretos para as comunidades locais, para a floresta e suas áreas protegidas são os componentes intrínsecos a um negócio responsável. E estes componentes estão presentes nas experiências retratadas nas próximas páginas..

Destacam-se os projetos de base comunitária, onde a população local possui participação efetiva no planejamento e gestão da atividade e boa parte dos benefícios permanecem em nível local. Algumas experiências demonstram também como o ecoturismo pode estar associado à proteção e uso sustentável de áreas protegidas e também como pode estimular a pesquisa ambiental e tecnológica agregando informação e qualidade ao produto. Por fim, o PROECOTUR, um dos maiores programas públicos do mundo na área de planejamento e fomento ao ecoturismo, vem apoiando estas iniciativas e pretende ser o maior agente catalisador no surgimento de negócios sustentáveis em ecoturismo na região.

Vá e conheça a Amazônia. Estas experiências só terão sucesso com a sua participação.

SÉRGIO SALAZAR SALVATI  
WWF-Brasil



# ecoturismo



## . centro de pesquisas canguçu

instituto ecológica

tocantins

O Centro de Pesquisas Canguçu (CPC), criado em 1999 no Município de Pium, Tocantins, tem o objetivo de gerar informações científicas e tecnológicas para projetos ligados às questões da mudança climática e da biodiversidade. O Centro é gerenciado pelo Instituto Ecológica, uma organização não governamental sediada em Palmas/TO que desenvolve pesquisas na área. A localização do Centro foi estrategicamente escolhida na convergência de três ecossistemas diferentes – pantanal, cerrado e floresta tropical – nas proximidades dos parques Estadual do Cantão e Nacional do Araguaia e da Ilha do Bananal, maior ilha fluvial do mundo.

Usando tecnologia inovadora e conhecimento local, o CPC possui infra-estrutura com conceito ecológico. O projeto arquitetônico levou em conta a tipologia das construções indígenas da região e técnicas que permitiram uma integração harmoniosa com a natureza circundante. Construído em palafitas para evitar as enchentes sazonais e não interferir no deslocamento dos animais, o CPC é parcialmente atendido por energia solar e possui um eficiente sistema de tratamento de esgoto via fossa ativada.

A melhor época para visitar o CPC é de maio a setembro, estação seca, quando são realizadas as principais pesquisas científicas, dentre elas as ligadas aos quelônios e à medição de fluxo de carbono. O CPC, além dos bangalôs destinados a pesquisadores, possui quatro apartamentos para ecoturistas. Além das atividades nessa área, o Instituto incentiva técnica e financeiramente a

comunidade rural do Projeto de Assentamento União II, em Caseara, com a instalação da fábrica de doces Delícias do Cerrado. O Instituto mantém ainda a Fazenda Ecológica, uma área de seqüestro de carbono e produção orgânica certificada – a primeira no Tocantins.

O projeto conta com a parceria de instituições de pesquisa, do Governo Federal e de organizações não governamentais, como o Earthwatch Institute. Dentre as instituições de pesquisa estão o Instituto de Astronomia, Geofísico e Ciências Atmosféricas da USP (IAG-USP), a Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), o Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP – ULBRA) e a New Hampshire University. O projeto recebe o apoio financeiro de instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais, dentre elas a empresa Natura, a AES Barry Foundation e o governo britânico.

instituto ecológica  
contato . Stefano Merlin  
tel . (63) 215-1279 fax (63) 215 2651  
ecologica@ecologica.org.br  
www.ecologica.org.br



## . cristalino lodge

fundação ecológica cristalino

mato-grosso



Promover ações de monitoramento ambiental permanente, difusão de projetos de ecoturismo, e apoio de pesquisas científicas para a criação de Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPNs), são alguns dos principais objetivos do Cristalino Jungle Lodge, em parceria com a instituição Conservation International.

O Lodge está localizado na cidade de Alta Floresta, Estado de Mato-Grosso, na RPPN Cristalino, adjacente ao Parque Estadual Cristalino. Essa iniciativa é gerenciada pela Fundação Ecológica Cristalino, uma organização não governamental criada em 1999 e dedicada a projetos de conservação da biodiversidade visando a formação de uma barreira geográfica contra o avanço do desmatamento. Como parte de um projeto ecológico mais amplo, o Lodge vem desenvolvendo atividades de monitoramento ambiental, difusão do ecoturismo, e apoio a pesquisas científicas e estudos regionais visando a difusão e criação de outras Reservas Particulares.

O Cristalino Jungle Lodge é hoje reconhecido internacionalmente como um dos principais locais para observação de aves de toda a Amazônia brasileira, devido a grande quantidade de endemismos. Contando com guias naturalistas especializados, formados por habitantes locais, o Lodge oferece diversos roteiros de ecoturismo, turismo de aventura e observação de aves e animais em trilhas que revelam o habitat de diferentes espécies animais e vegetais. Para tanto, uma grande infra-estrutura foi levantada, incluindo



trilhas sinalizadas, uma torre de 50 metros de altura, casa sobre árvore para observação de mamíferos noturnos, biblioteca e mapoteca com informações sobre a Amazônia, ponte e escada de corda, além de locais e material apropriados para as atividades de rapel nas rochas e canoagem.

A arquitetura do local utiliza sobretudo materiais tradicionais da região, como a madeira e a palha, e foi toda inspirada nas habitações dos índios Kayabi, de forma a se harmonizar perfeitamente ao ambiente local. Todas as instalações observam ainda princípios ambientais básicos, como os cuidados com a reciclagem do lixo orgânico por meio de compostagem, o transporte do lixo inorgânico por via fluvial e rodoviária até a cidade de Alta Floresta – onde também é encaminhado para reciclagem –, e o uso de aquecimento solar e o cultivo de hortaliças orgânicas para consumo interno.

cristalino jungle lodge  
contato . Vitória Da Riva Carvalho  
fone (66) 521.3601 fax 521.2221  
info@cristalinolodge.com.br  
www.cristalinolodge.com.br



## Ecoturismo em Mamirauá

instituto mamirauá

amazonas

Situada na confluência dos rios Solimões, Japurá e Auati-Paraná, a 500 Km a Oeste de Manaus, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá foi criada em 1990 aliando pesquisas científicas com a participação da população local no gerenciamento dos recursos naturais. A reserva é a maior área de várzea protegida do Brasil, com 1.124.000 hectares, deslumbrando turistas nacionais e estrangeiros com seus atrativos, e oferecendo à população local fontes alternativas de renda.

Em 2001, o Governo Federal firmou um contrato com o Instituto Mamirauá para administrar a reserva. Nessa missão, o Instituto conta com o apoio institucional do Governo do Estado do Amazonas, da World Life Conservation Society (WCS) e do CNPq, que financia bolsas de desenvolvimento técnico institucional.

O paraíso ecoturístico fica dentro da área de preservação do Lago Mamirauá. Os visitantes são recebidos na Pousada Flutuante Uacari, cujo conceito reside em oferecer conforto com um mínimo de impacto ao meio ambiente. As casas têm ventilação natural, telhados de madeira que amenizam a temperatura, sistema de filtragem de dejetos, energia solar e coletores de água da chuva. A área de ecoturismo possui 11 trilhas florestais, onde são feitas excursões em grupo acompanhadas por guias naturalistas por uma paisagem que se transforma com as estações.

No período de seca os peixes pulam à cata de insetos, os jacarés espalham-se pelas margens e as árvores abrigam preguiças, uacari-brancos,

guaribas, macacos-prego, macacos-de-cheiro e outros animais. Já na época de cheia, de maio a julho, as águas do Solimões e do Japurá inundam a reserva. Os peixes invadem as áreas antes ocupadas pelas aves, nadando entre as árvores submersas, enquanto os felinos se refugiam nos galhos mais altos. Em certas épocas do ano, ainda, estas águas apresentam a maior concentração de golfinhos - botos cor-de-rosa - do mundo.

Os recursos obtidos pelo Instituto Mamirauá com o ecoturismo são reinvestidos em projetos comunitários para a melhoria da qualidade de vida da população local, fiscalização da área natural, atividades de educação ambiental, organização política, e na continuidade do próprio programa. Anualmente, ocorrem assembleias gerais envolvendo 63 comunidades adjacentes para tratar do gerenciamento do plano de manejo de toda a área. O WWF-Brasil, que já havia apoiado técnica e financeiramente o plano de manejo da reserva, também foi parceiro no desenvolvimento do ecoturismo e educação ambiental no Mamirauá, por meio das Oficinas de Capacitação do Manual de Ecoturismo.

instituto mamirauá  
contato . Nelissa Peralta  
tel (97) 343-2736  
ecoturismo@mamiraua.org.br  
www.mamiraua.org.br



## ecoturismo nas resex do vale do guaporé

associação dos  
seringueiros do  
vale do guaporé  
AGUAPÉ

organização dos  
seringueiros  
de rondônia -  
OSR  
ecoporé

## rondônia



As Reservas Extrativistas combinam a preocupação com a conservação ambiental ao desenvolvimento das populações que historicamente vivem nestas áreas. Na expedição “Vale do Guaporé, Amazônia desconhecida: uma experiência de ecoturismo com os povos da floresta”, o visitante terá a oportunidade de conhecer a riqueza biológica da Amazônia e do Pantanal Guaporeano, além da cultura das comunidades tradicionais das Reservas Extrativistas Curralinho e Pedras Negras localizadas em Costa Marques e São Francisco do Guaporé, Rondônia.

O projeto de ecoturismo é administrado pelas próprias comunidades e oferece aos visitantes a oportunidade de vivenciar a rotina dos seringueiros, inclusive com hospedagem em habitações típicas na Pousada Pedras Negras, inaugurada em 2001. Permite-se assim o contato estreito com a população, participando de seu cotidiano de trabalho, alimentação e festejos. Parte da renda obtida com o turismo é aplicado na conservação ambiental das reservas.

Entre as atividades oferecidas no Centro de Visitantes e Educação Ambiental João Marques (Resex Curralinho) e na Pousada Pedras Negras (Resex Pedras Negras) estão passeios de canoa, caminhadas pela mata virgem e a convivência com as comunidades extrativistas, onde pode-se acompanhar os processos de extração e defumação da borracha, a fabricação de farinha de mandioca e do artesanato, além de conhecer os diversos usos medicinais e alimentares das matérias-primas florestais. Principalmente, é

uma oportunidade de percorrer os ricos habitats da floresta e dos campos alagados, observando plantas e animais como jacarés e botos cor-de-rosa, e banhando-se e pescando nos rios com as facilidades oferecidas pelo Acampamento de Praia Ecológico de Curralinho.

O Projeto de Ecoturismo é desenvolvido pelas Comunidades de Curralinho e Pedras Negras e as entidades de classe OSR (Organização dos Seringueiros de Rondônia) e Aguapé (Associação dos Seringueiros do Vale do Guaporé), com assessoria técnica da ECOPORÉ (Ação Ecológica Guaporé) e apoio financeiro e técnico do WWF-Brasil, Universidade Federal de Rondônia-UNIR, Governo Federal (SCA/MMA-PD/A, PROECOTUR), Governo estadual (PLANAFLORO, SETUR, SEDAM), BASA e SEBRAE –RO. Visitando o projeto ecoturismo das Resex Guaporé, o visitante estará contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das comunidades extrativistas e para a conservação das reservas.

Ação Ecológica Guaporé – ECOPORÉ  
contato . Melba Renata . tel.fax (69) 2247870  
undiscovered.amazon@bol.com.br  
ecopore@enter-net.com.br

Associação dos Seringueiros do Vale do Guaporé – AGUAPÉ  
contato . Galego . tel.fax (69) 6512676  
www.osro.cjb.net . www.seringueiros.com.br





## . pousada aldeia dos lagos

associação  
de silves pela  
preservação  
ambiental  
e cultura  
ASPAC

amazonas

A ilha de Silves está situada no lago Canaçari, a 250 km de Manaus, formado pela confluência de cinco tributários do rio Amazonas: o Urubu, o Itabani, o Sanabani, o Igarapé Açu e o Igarapé Ponta Grossa. A área é uma região de várzea, ficando inundada durante a estação das cheias (janeiro a junho) e apresentando praias no período da seca (de julho a dezembro). Diante de um quadro de ameaça ao meio ambiente local, as 32 comunidades ribeirinhas de Silves organizaram-se em torno da Associação de Silves pela Preservação Ambiental e Cultural (ASPAC), e com o apoio do WWF-Brasil tornaram o ecoturismo uma atividade rentável e sustentável.

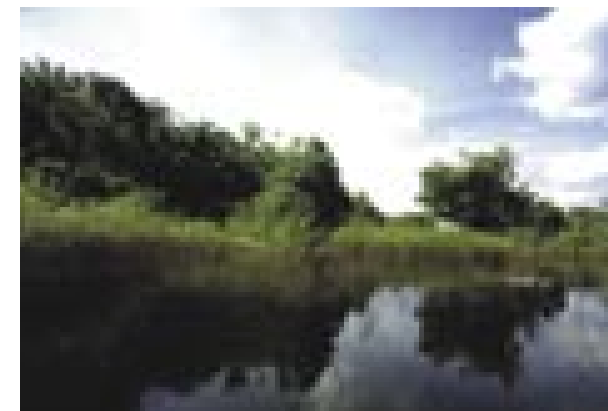
A Pousada Aldeia dos Lagos, reformada em 2001, é gerida pela própria comunidade. Situada no alto de uma colina, suas instalações oferecem restaurante, loja e 12 apartamentos com ar condicionado e frigobar. Seu programa de ecoturismo oferece mais de 6 opções de passeios pela região, como o tour pelos igapós, uma experiência de rara beleza na floresta inundada, e o tour pela ilha e por trilhas da floresta, que permite conhecer a flora e a fauna terrestre. A programação inclui ainda visitas às comunidades e piqueniques na floresta, onde pode-se ouvir um pouco das histórias e das lendas regionais.

Atualmente o projeto é financiado pelo WWF-Brasil, Governos da Áustria, Inglaterra e Suécia e PD/A-Ministério do Meio Ambiente, e abrange cinco comunidades que têm participação direta no fornecimento de produtos para o hotel, nas operações turísticas (como guias, na

manutenção das trilhas, equipamentos e hotel), e no fornecimento de alimentos e matéria-prima (extrativismo) para elaboração de sabonetes e artesanatos, oferecidos na loja da Pousada.

Parte da renda obtida com o ecoturismo é aplicada no manejo e fiscalização da reserva, sendo o restante aplicado na continuidade das atividades de ecoturismo. Para administrar o hotel e operar suas atividades, a ASPAC auxiliou a comunidade a estruturar a COOPTUR, a primeira Cooperativa de Turismo da Amazônia. Criada em 1999, ela tem o objetivo de incrementar o nível de administração do empreendimento hoteleiro Aldeia dos Lagos, e promover a regularização das relações de trabalho geradas pela exploração dos serviços de ecoturismo.

ASPAC  
contato . Vicente Neves  
tel. (92) 5282124  
aldeiadoslagos@terra.com.br



## . proecotur

ministério do  
meio ambiente  
secretaria de  
coordenação da  
amazônia

## amazônia

O turismo tem se firmado nos últimos anos como uma das mais importantes e promissoras atividades econômicas, sendo que, dentre todos os seus segmentos, o ecoturismo é o que apresenta o crescimento mais acelerado. A Amazônia, por constituir um imenso mosaico de ecossistemas bem conservados, e por ser habitada por populações de grande riqueza cultural, configura-se como uma região de enorme potencial ecoturístico, o que torna essa atividade uma alternativa economicamente viável, sustentável e capaz de gerar renda e empregos para as comunidades locais sem degradação do meio ambiente. Consciente dessa possibilidade, o Governo Federal criou o Turismo Verde/Proecotur, Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal, e fez um acordo de cooperação com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para o seu financiamento. O programa está estruturado para ser executado em duas fases. A primeira, preparatória, iniciada em 2000 e prevista até 2003, visa efetuar o planejamento estratégico para as ações da fase seguinte, de investimentos; esta, tem como objetivo dotar os Pólos Ecoturísticos da Amazônia de infraestrutura física e institucional capaz de atrair investimentos da iniciativa privada no setor. Para a primeira fase foram destinados US\$13.800.000,00 e para a segunda estão previstos recursos da ordem de US\$200.000.000,00. Na fase atual o Programa está realizando o investimento que cabe ao setor público no desenvolvimento do ecoturismo nos Pólos Ecoturísticos, ou seja, planejando a atividade na região, realizando estudos de



mercado, avaliando potenciais, estabelecendo prioridades, implantando infraestrutura, capacitando a população e dando assistência técnica aos empreendedores.

O Turismo Verde/Proecotur é executado pela Secretaria de Coordenação da Amazônia, do Ministério do Meio Ambiente, em parceria com os Ministérios do Esporte e Turismo e do Planejamento, Orçamento e Gestão, Ibama, Embratur e os Governos Estaduais dos nove estados da Amazônia Legal. Com o Turismo Verde/Proecotur, o Governo está pondo em prática, de forma estruturada e planejada, os princípios do desenvolvimento sustentável: promover o bem-estar e o aumento de renda das populações envolvidas com sua integração ao sistema produtivo, ao mesmo tempo em que garantindo a conservação do meio ambiente e da rica biodiversidade amazônica.

Ministério do Meio Ambiente  
Secretaria de Coordenação da Amazônia  
– PROECOTUR  
tel . (61) 3171412 fax . 3238058  
proecotur@mma.gov.br

